

A RESSURREIÇÃO DE MURILO MENDES

RELANÇAMENTO DO PRIMEIRO E ÚLTIMO LIVROS – ‘POEMAS’ E ‘CONVERGÊNCIA’ – ALÉM DE UMA ‘ANTOLOGIA POÉTICA’ E DA PROSA ‘A IDADE DO SERROTE’ – REACENDEM O ESPÍRITO DO POETA, MODERNISTA EM ESSÊNCIA, MAS ABERTO À MULTIPLICIDADE DE PROPOSTAS POÉTICAS



Existem algumas datas muito importantes para a literatura brasileira! Em 1975, foi lançada a coletânea *26 poetas hoje*, organizada por Heloisa Buarque de Hollanda, mesmo ano em que saiu a primeira edição de *Cataatau*, de Paulo Leminski. Já em 2012, Angélica Freitas lançou *Um útero é do tamanho de um punho* e Ademir Assunção publicou *A voz do ventriloquo*. Em 1930, Carlos Drummond de Andrade estreou com *Alguma poesia* e Murilo Mendes, com *Poemas*, além de ter sido publicado *Libertinagem*, de Manuel Bandeira.

Para o poeta e professor Júlio Castañon Guimarães, um dos organizadores do relançamento e especialista na obra do autor de *A idade do serrote*, há uma diferença evidente entre os três citados de 1930: “No caso de Manuel Bandeira, o *Libertinagem* é uma espécie de ponto alto a que ele chega depois de um longo trajeto iniciado antes do modernismo. Já no dos outros dois, eles surgem alguns anos depois da Semana de Arte Moderna, trazendo incorporadas grandes discussões postas em circulação pelo movimento”.

Tendo em vista seus pares, *Poemas* surpreendeu não apenas por ter sido laureado com o Prêmio Graça Aranha, mas especialmente por conta da mais emblemática frase de Mário de Andrade no artigo *Poesia*, em 1930: “Historicamente o mais importante dos livros do ano”. É claro que a versão original não era absolutamente glamourosa, fora bancada pelo pai do poeta, Onofre Mendes, e reunia sua produção entre 1925 e 1929. Felizmente, glamour é item prescindível para qualquer obra-prima digna desta classificação. Além do mais, significa dizer que Murilo escreveu esses versos já submerso pelo tsunami modernista. Afinal, desembocara ainda em dezembro de 1920 na então capital federal, Rio de Janeiro, onde poetas, escritores, pintores, enfim, uma horda de dessacralizadores bebiam oelixir das rupturas na orla de Copacabana.

Ao tremendo elogio de Mário de Andrade caberia uma resposta, que foi remetida através de cartas. Duas delas, dispostas no Instituto de Estudos Brasileiros da USP, foram anexadas à reedição de *Poemas*. No primeiro parágrafo da missiva de 11 de dezembro de 1930, se lê: “Suas observações sobre a elasticidade do meu temperamento são exatas e ninguém as tinha feito ainda, a não ser dois ou três íntimos amigos meus. Aliás, é uma qualidade do brasileiro, acho que em parte isso

provém da falta de peso de tradições cacetíssimas. Acho que o poeta é uma espécie de puta. Ele dá a vida, a todos os espetáculos, sem *parti-pris*, deles tirando todos os rendimentos possíveis”.

Para Júlio, o relançamento dessas obras – os demais livros chegarão às prateleiras em 2015 – marca um avanço no estudo da produção literária. Afinal, “por diversas razões, elas não têm tido reedições, e naturalmente, tendo em vista sua significação no panorama da literatura brasileira, pôr sua obra de novo em circulação me parece algo fundamental para que de fato se possa ter melhor acesso à produção literária do modernismo brasileiro”. Na essência, segundo Júlio, a alma de Murilo era, sim, modernista. No entanto, diferente da maioria de seus correligionários de versos, e similar ao caso de Drummond, ele não se prendeu aos postulados do movimento: “Murilo sofreu grande impacto do surrealismo, assim como mais tarde procurou fazer uma poesia sintonizada com as inovações dos anos 1950 e 1960”.

É justamente essa multiplicidade de propostas poéticas que se pretende abarcar com a *Antologia poética*, cuja edição especial conta com parceria do Museu de Arte Murilo Mendes, localizado em Juiz de Fora, cidade mineira na qual o escritor nasceu, em 13 de maio de 1901. Essa edição trará reproduções desta coleção através do trabalho de Miró, Léger, De Chirico, Max Ernst, Portinari, Guignard, Flávio de Carvalho e outros. Ambos posfaciadores são os organizadores das obras, além de Júlio, o professor Murilo Marcondes de Moura, cujo foco de pesquisa na USP está voltado aos modernistas, a exemplo de seu xará. Em *As passagens do poeta*, Marcondes reforça o caminho singular traçado pelo mineiro, cuja obra se impõe mais pelas diferenças do que pelas semelhanças com grandes escritores, contemporâneos dele: “Seu lugar na história da lírica brasileira do século 20 é antes deslocado e dissonante, como se as aproximações anteriormente sublinhadas fossem apenas de contorno ou caráter muito geral”.

As aproximações referidas são, de qualquer forma, notáveis. Nos dois primeiros livros – *Poemas* e *O visionário* –, lembra Marcondes, há os maiores pontos de contato com o modernismo primordial, expondo o “humor sarcástico” e a “linguagem desabusada”, características de Bandeira, Mário, Oswald e, sobretudo, Drummond. A conversão de Murilo ao catolicismo – em grande medida influenciado pelo amigo e grande pintor surrealista Ismael Nery – foi impactante para sua poética, o que o levou a aproximar-se de Jorge de Lima, que

Cabeça do poeta Murilo Mendes feito em grafite sobre papel, em 1951, por Flávio de Carvalho; o poeta mineiro fotografado por Silvio da Cunha, em 1948

A MARCHA DA HISTÓRIA

Retrato de Murilo Mendes, óleo sobre tela de Alberto da Veiga Guignard, de 1930; no fundo, manuscrito de *A marcha da história*, incluído em *As metamorfoses*, de 1944

como inconteste vanguardista de religiosidade latente, levou ambos a um flerte com procedimentos novos, como a fotomontagem. Sua veia política se mostrou nos anos do Estado Novo e da Segunda Guerra. Em livros como *Mundo enigma* e *As metamorfoses*, há novos laços com o Drummond da fase *A rosa do povo*, profundamente libertário. O momento imediatamente posterior o devolve a sua infância e raízes, percurso que também trilharam poetas como Manuel Bandeira e Cecília Meireles. Já seu achego ao construtivismo só começaria a

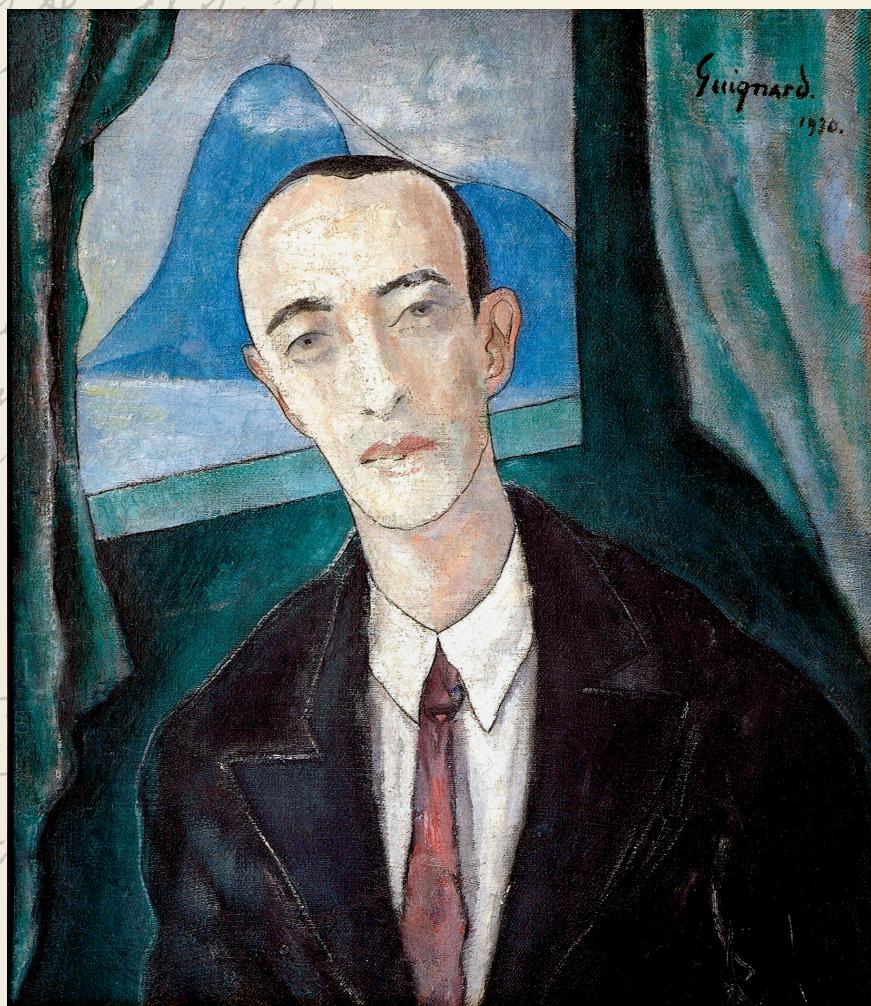
car a experiência coletiva da poesia brasileira. Ainda assim, Milton Ohata, coordenador editorial da Cosac Naify e responsável pelo projeto de relançamento, destaca que, apesar de extensa, a trajetória literária do poeta “não teve descaídas”, somando produção intensa até pouco antes de morrer em Lisboa, em 13 de agosto de 1975, devido a uma síncope cardíaca fulminante.

“Convergência, de 1970, é o último livro de poesia que ele publicou quando estava vivo e tem um frescor incomum para um poeta da idade dele naquele momento. Além disso, ao morrer, ele tinha deixado inéditos vários livros tanto de poesia como de prosa. Esse conjunto inédito só surgiu quando a crítica literária italiana Luciana Stegagno Picchio publicou sua obra reunida, em 1994, quase 20 anos depois do falecimento de Murilo.”

E a prosa do escritor, por vezes relegada, não foi esquecida, como elucida Ohata: “*A idade do serrote* é um livro de prosa entre aspas. É uma prosa poética, como quase todos os livros de prosa por ele publicados”. O editor ressalta que o volume apresenta largo alcance, pois conta a vida de um “menino-adolescente em uma cidade mineira no começo do século 20”.

Uma semelhança mais com Drummond? A depender dos anexos da reedição, sem dúvida. Uma crônica do poeta de Itabira, publicada no *Correio da Manhã* em dezembro de 1968, cujo primeiro parágrafo é extremamente elucidativo no tocante à admiração entre os mineiros: “Saio da leitura com a sensação de que desembarco de uma cápsula espaço-temporal equipada com aparelhos mágicos. E esses aparelhos são apenas os recursos literários de Murilo, capaz de captar e transmitir-nos, em uma espécie de televisão da palavra, o essencial das imagens e signos de um tempo abolido, com lugares, pessoas, comidas, músicas, sentimentos, tudo veloz, em balé, mas nítido e fiel, como era quando era”.

As palavras não ficaram sem resposta, que, como de costume, foi enviada via carta em janeiro de 1969, de Roma, onde o autor morava à época: “Sua opinião corresponde para mim a um diploma; e bem vejo, pela sua bela crônica, que o meu livro repercutiu no seu espírito de forma muito positiva”. Ohata amarra o laço que conecta ambos os poetas ressaltando o mérito, que agora compartilha, na obra de Murilo: “Para ele, como para todos os modernistas, a poesia tinha um grande poder de desconvencionalizar – e não só a literatura, mas a própria vida. Os modernistas queriam mudar o mundo, e não só falar dele”. ☉



entrar em curso no final da década de 1950, quando se mudou para a Europa e tornou-se ainda mais receptivo às aventuras estéticas.

De alguma forma, essas aproximações e distanciamentos tornam sua poesia bastante volátil, ou talvez o adjetivo correto seja singular: rebelando-se contra seus próprios paradigmas, ele faz avan-